



Xamã Davi Kopenawa é alçado durante ritual na comunidade Xihopi, na Terra Indígena Yanomami, no Amazonas. Fotos Christian Braga/Divulgação/ISA

Terra yanomami faz 30 anos com rituais e debate sobre ameaças

Comunidade indígena na Amazônia celebra homologação da área e discute a violência trazida pelo garimpo ilegal

Leão Serva

COMUNIDADE XIHOPI (AM) O aniversário de 30 anos da homologação da Terra Indígena Yanomami, em 25 de maio de 1992, foi comemorado com uma série de eventos festivos e políticos em uma comunidade localizada na área ocupada pela etnia, entre os estados de Roraima e Amazonas. Uma assembleia de líderes de diferentes comunidades de povos yanomami e ye'kwana marcou o encerramento de uma semana de atividades, na última segunda-feira (30).

Em meio à festa, as ameaças recentes aos moradores da área foram narradas por vítimas diretas de estupro e agressões e debatidas por políticos e lideranças indígenas de todo o país, presentes para uma demonstração de união do movimento indígena e de apoio à Hutukara, a organização yanomami liderada por Davi Kopenawa, que coordenou o evento.

Durante o encontro foi anunciada a formação de uma associação de líderes das etnias mais afetadas pelas recentes invasões de garimpeiros e grileiros, desde o início do governo Jair Bolsonaro.

A Aliança em Defesa dos Territórios junta representantes kayapó, mundurukú, yanomami e ye'kwana, tendo entre seus porta-vozes o cacique Megaron, liderança tradicional da Terra Indígena do Xingu e sobrinho do cacique Rani Metukire.

A comemoração aconteceu na comunidade de Xihopi, no sul do território yanomami, ao norte do Amazonas. A comunidade é localizada em uma vasta área de floresta bem preservada, distante das regiões mais assoladas pelo garimpo ilegal.

Os eventos foram marcados por manifestações políticas de yanomami, de diversas lideranças indígenas de outras áreas do país e personalidades não

indígenas nacionais e internacionais, como a senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA), a deputada federal Joênia Wapichana (Rede-RR), o cacique Megaron Txucaramãe e o ativista Ailton Krenak.

Também esteve presente o ex-presidente da Funai Sydney Possuelo, que foi responsável pela demarcação da terra, em 1992, durante o governo do presidente Fernando Collor. Aos 82 anos, Possuelo foi homenageado pelas lideranças presentes como o presidente da Funai que reconheceu mais terras indígenas, cerca de 170, em sua gestão, de 1991 a 1993.

Festa e debates

As comemorações na comunidade de Xihopi tiveram início no dia 23 de maio, com uma festa de recepção para cerca de 500 pessoas. Os yanomami costumam receber os visitantes para suas festas com danças e pinturas dos que chegam.

Depois, no centro da praça central da maloca, líderes de fora e da comunidade, dois a dois, fazem um ritual de troca de informações, em que nar-

“
Nós, povos indígenas do Brasil, não vamos morrer sozinhos. Vão morrer os indígenas, os não indígenas, o meio ambiente. Morrem as florestas, suja a água, morre todo o planeta

Davi Kopenawa
líder da Hutukara
Associação Yanomami

ram, como em um espetáculo de repentistas, episódios acontecidos nos últimos tempos, desde o último encontro.

É um ritual ao mesmo tempo artístico (musical e poético) e informativo. Essa atividade pode durar toda a noite da chegada dos visitantes.

No dia seguinte, começou um fórum de dois dias, em que lideranças debateram as ameaças recentes aos direitos indígenas no cenário político nacional e perspectivas para os próximos 30 anos. Falam representantes indígenas locais e de outras regiões do país. A noite foram apresentados filmes.

O segundo dia foi marcado por uma série de depoimentos de representantes de comunidades da terra indígena.

Um dos relatos mais chocantes foi o de Fernando, líder de Palimú, onde no ano passado garimpeiros ligados a organizações criminosas dispararam tiros e jogaram bombas caseiras durante vários dias, depois que a comunidade realizou um bloqueio sanitário no rio Urucicoera, para impedir a disseminação da Covid-19 na região.

Outro depoimento impressionante foi o da líder Noêmia, que descreveu a sedução de jovens de sua comunidade: os garimpeiros, que antes “compravam” adesões com ouro, agora usam sistematicamente a cocaína, até então desconhecida entre os indígenas — mais um sinal da associação entre os traficantes de ouro e de drogas na organização do garimpo.

Documento de uma ideologia
Sydney Possuelo apresentou um documentário sobre a campanha pela criação da Ter-

ra Indígena Yanomami e sobre sua homologação, seguida da demarcação da terra em 90 dias, até hoje um recorde.

O filme narra o combate à invasão garimpeira iniciada em meados dos anos 1980, que chegou a juntar cerca de 40 mil mineradores ilegais dentro da área. As invasões geraram uma epidemia de malária e a morte de cerca de 15% da população yanomami no Brasil. Antes de iniciar a demarcação, o governo federal retirou os invasores.

O documentário mostra também a fórmula usada para a expulsão: vigilância das entradas da terra indígena, asfixiando o abastecimento dos trabalhadores ilegais. Depois da exibição, Possuelo comentou que o método poderia ser usado para expulsar os invasores atuais da região.

O filme deixa clara a inversão do ideário conservador sobre a questão indígena ao longo das últimas décadas: 30 anos atrás, o reconhecimento da terra foi feito por um presidente conservador, eleito com um programa liberal, e o processo foi conduzido por um ministro da Justiça com formação militar, o coronel Jarbas Passarinho, que teve participação intensa como ministro de vários governos da ditadura.

Como relator na Assembleia Constituinte, Passarinho foi o autor do texto sobre direitos indígenas da Constituição de 1988, que ele baseou no Estatuto do Índio, da Constituição outorgada pelo governo militar, em 1969.

Em seu discurso, diante da sede da Presidência, em Brasília, Collor justificou a homologação com base no programa de governo vitorioso nas urnas na campanha de 1989 (ele venceu o PT de Lula).

Após 30 anos, a cúpula do governo atual, que também se reivindica conservador e liberal, promete não demarcar terras indígenas, defende o garimpo ilegal em terras protegidas e apresenta os direitos indígenas como se fossem ameaça à soberania nacional ou representação de interesses estrangeiros.

Uma análise dessa mudança ideológica desafia os estudiosos de ciência política.

Discurso apocalíptico

A última intervenção da mesa que buscou projetar os desafios para a Terra Indígena Yanomami nos próximos 30 anos foi feita pelo anfitrião Davi Kopenawa.

Desafinando o tom festivo de outros líderes, que busca-

vam imprimir uma mensagem otimista, Davi fez um discurso bastante duro, de tom apocalíptico, referindo-se ao grave risco trazido pelas mudanças climáticas que afetam o planeta e o seu agravamento pela destruição das florestas, desde logo na Terra Indígena Yanomami.

“No começo do mundo, o céu caiu e matou o primeiro povo que nasceu. Nós somos o segundo povo, aquele que segurou o céu e pôde sobreviver”, narrou, resumindo a cosmogonia presente em seu livro “A Queda do Céu”, de 2015, para então dizer que atualmente vivemos o risco de um novo fim.

“Nós, povos indígenas do Brasil, não vamos morrer sozinhos. Vão morrer os indígenas, os não indígenas, o meio ambiente. Morrem as florestas, suja a água, morre todo o planeta. O petróleo estragou o ar da terra, que foi criado para nós respirarmos. Agora, o que nós perguntamos é se vamos morrer queimados ou afogados? É o que estamos vendo por toda parte. Mas nós, yanomami, vamos morrer lutando.”

Pajelana e arco-íris

Na quarta-feira (25) à tarde, terminados os depoimentos, aconteceu um evento de forte significado espiritual para os indígenas: por ocasião dos 30 anos da criação da terra indígena, 30 xamãs realizaram uma “pajelana”, uma longa performance em que, um a um, ingerem o pó alucinógeno yãkono usado pelos pajés. Sob efeito da droga, empreendem uma viagem espiritual a um mundo invisível aos demais, onde encontram espíritos chamados xapiri, que têm função mercurial, de ligação entre os diversos planos dos cosmos.

Durante esse processo, os xamãs, um após o outro, fazem um espetáculo de dança e cantos tradicionais, no qual narram o que estão ouvindo dos espíritos xapiri.

Depois da pajelana, na praça central da maloca de Xihopi, quando Davi se reunia com jovens da comunidade para fazer uma foto, um grande arco-íris se formou no céu, emoldurando seu encontro com Ailton Krenak, seu companheiro do início do movimento indígena que resistiu à ditadura militar, no fim dos anos 1970, e reivindicou os direitos conquistados na Constituição de 1988. Davi atribuiu o arco-íris ao chamado dos xamãs.

O jornalista viajou a convite da Hutukara Associação Yanomami



Arco-íris se forma sobre a comunidade Xihopi em meio aos festejos do povo yanomami